

# A FILOSOFIA DA CIÊNCIA EM PORTUGAL: AS MANIFESTAÇÕES EM TORNO DO MARXISMO NAS DÉCADAS DE TRINTA E QUARENTA

*Augusto Fitas\**

## 1. Introdução

Portugal entrou nos anos trinta do século XX governado por uma ditadura militar que, de início, sem grandes planos para o seu futuro e tendo como único projecto o colocar “ordem” no país, se transformou, mercê das lutas entre as diferentes facções apoiantes, num regime de ditadura “antiliberal tipo fascista”. Acossada por várias tentativas de revolta militar, apoiadas pela forças republicanas oposicionistas, que procuravam reinstaurar o regime parlamentar deposto, a ditadura foi endurecendo para, a partir de 1933, se converter no Estado Novo, corporativo, “educador das almas e polícia do espírito”. O modelo cultural apoiado pelo Estado Novo beberá na fonte da emulação histórica do herói, nas virtudes da religião e nos valores tradicionais da família: “Deus, Pátria, Família – a trilogia da educação nacional”. Resistindo a este padrão que assumia que «[...] a parte mais linda, mais forte e mais saudável da alma portuguesa reside nesses 75 por cento de analfabetos» (Carvalho, 1987, 726), erguia-se

[...] a imprensa periódica fundada desde os alvores da década de 1930 numa postura de oposição ao regime que se doutrinou como Estado Novo caminhou, a passos largos, para um terreno de empenhamento cultural que, transcendendo as margens do que até então se entendia por cultura (constituindo, portanto, uma nova ideia de cultura), conduziu ao aparecimento do movimento designado por Neo-Realismo (Dias, 2011, 21).

Uma imprensa que era uma herdeira directa dos ideais republicanos de educação e de manifestação cívica dos cidadãos e que, cobrindo todo o terri-

---

\* Professor (aposentado) de Física e de História e Filosofia da Ciência na Universidade de Évora, investigador do Instituto de História Contemporânea (IHC)-*cehfei* (UE) e coordenador do Grupo de História da Física da Sociedade Portuguesa de Física (SPF).

tório nacional, se estendia de Vila Real de Santo António a Monção. E é nesta imprensa, de que são exemplos *Foz do Guadiana* (Vila Real de Santo António), *Notícias de Coimbra*, *O Trabalho* (Viseu), que começam a aparecer em Portugal os primeiros artigos de divulgação sobre o pensamento filosófico ligado ao conhecimento científico e que constituíam o núcleo central das ideias da Escola de Viena, ou do Positivismo Lógico. Era seu autor Abel Salazar (1889-1946), professor de Histologia da Faculdade de Medicina do Porto, afastado compulsivamente do seu magistério universitário em 1935<sup>1</sup>, e um paladino das ideias desta corrente filosófica sobre a qual publicará dezenas de artigos em periódicos culturais de maior repercussão pública, cultivando a “resistência cultural” ao Estado Novo, – *Pensamento*, *O Diabo*, *Seara Nova* e *Sol Nascente* – e ainda numa outra revista coimbrã, *Síntese*, onde surge como um dos principais inspiradores do seu projecto editorial.

As ideias do “Círculo de Viena” foram apresentadas em 1928 num manifesto cujos redactores – Hans Hahn (1897-1950) e Rudolf Carnap (1891-1970), matemáticos, Otto Neurath (1882-1945), sociólogo e economista – se preocuparam em expor aquilo que designaram por uma “Concepção Científica do Mundo”. Os autores do manifesto consideravam que o «espírito de uma concepção científica do mundo está bem vivo» e que este esforço “anti-metafísico” era partilhado por investigadores ingleses (Bertrand Russell (1872-1970) e Alfred Whitehead (1861-1947) são nomeados), americanos e da “nova Rússia”, embora nesta última a ideia de uma concepção científica do mundo seja encabeçada pelas “velhas correntes materialistas”. Sublinhavam que pretendiam aprofundar a “concepção científica do mundo afastando-se das concepções metafísicas e teológicas”. Apesar de, entre os membros do “Círculo”, existir um acordo sobre os seus propósitos essenciais, no que diz respeito a muitas teses e conclusões havia entre eles confrontos polémicos e o “Círculo” estava muito longe de uma unidade de pontos de vista. É importante notar o esforço de difusão e de proselitismo filosófico do “Círculo”, quer pela edição de uma revista de Filosofia da Ciência que aparece em 1930, a *Erkenntnis* (*Conhecimento*), quer por terem iniciado a organização de vários congressos sobre Filosofia da Ciência em diversas cidades da Europa, quer, ainda, pelo esforço na popularização da “Concepção Científica do Mundo”. Com a subida dos nazis ao poder na Alemanha, depois na Áustria, e com o avanço da guerra, a grande maioria dos seus elementos vai ser perseguida e será obrigada a abandonar a Europa. Os membros do “Círculo” eram conhecidos pelas suas ideias de esquerda,

---

<sup>1</sup> Em 1935, pelo Decreto-Lei n.º 25317 de 13 de Maio de 1935, o governo demite, entre outros funcionários públicos e militares, os professores universitários Rodrigues Lapa de Lisboa, Aurélio Quintanilha e Sílvio Lima de Coimbra, Abel Salazar do Porto. Augusto Fitas, “Um ciclo de conferências sobre a Junta de Educação Nacional e os seus prováveis efeitos premonitórios na aplicação do Decreto-Lei 25317”, neste volume.

Neurath escrevia «a maior parte de nós, incluindo eu próprio, éramos socialistas» (Stadler, 2001, 201) e pela sua militância em projectos claramente identificados com a defesa dos interesses das classes populares, por exemplo Moritz Schlick (1882-1936) e Hans Hahn eram bastante activos na educação de adultos.

De todos os esforços feitos por Abel Salazar para divulgar as ideias neopositivistas, ou da Escola de Viena, aquele que parece constituir o trabalho de maior fôlego, e de planificação mais conseguida, está reunido na meia centena de artigos publicados em *O Diabo* iniciados em finais de Agosto de 1936. Independentemente de um certo tom apologético e do apostolado exacerbado que Abel Salazar coloca na forma como defende e procura transmitir o conteúdo desta corrente filosófica, importa compreender a razão da sua adesão a estas ideias e daí se entenderá o seu frenesi divulgador. O histologista portuense era um opositor feroz ao ambiente intelectual do país que caracterizava como de «[...] ligeireza intelectual, de sentimentalismo, de emotividade fremente, em que o brilho, a fantasia, são mais estimadas e cultivadas do que a reflexão logística» (Cunha, 1998, 513); o seu espírito racional era diametralmente oposto ao

[...] filosofismo com tendência constante para a retórica oca, para a retórica coimbrã», procurando avidamente um sistema de pensamento rigoroso que integrasse a marcha do conhecimento científico e que combatesse as correntes contemporâneas restauracionistas do «Neotomismo e [da] Metafísica Patética» (*Idem*).

A actividade intelectual de Abel Salazar, além de investigador de mérito com trabalhos publicados em várias revistas científicas, estendia-se também ao campo artístico e, durante a década de trinta, manifestava-se como um propagandista activíssimo da cultura científica, verberando sarcasticamente contra o catolicismo, que impregnava a mentalidade do regime, em conferências várias para o qual era convidado; convite que lhe era frequentemente feito pelas Associações de Estudantes. No Porto, na sessão comemorativa do centenário da Biblioteca Municipal do Porto, a Associação de Jornalistas e Homens de Letras da cidade convidou-o para falar e debruçou-se sobre o tema “A socialização da Ciência”, onde publicamente afirmou:

[...] a ética científica é incompatível com a ética católica; e a socialização científica incompatível com o Capital. Porque o Capital, destituído de moral e de sentimentos humanos, não está sob o ponto de vista ético, humanista e social, de acordo com a Ciência [...] (Salazar, 1933, 20).

As reacções, quer à matéria verbal quer à correspondente matéria escrita, não se fizeram esperar: acusaram-no publicamente de «anticlerical, de inimigo da moral católica, da ordem estabelecida e dos poderes constituídos»

(Cunha, 1998, 261). Abel Salazar, a curto prazo, pagou caro não só a ousadia de desafiar desassombradamente o regime como também o facto de gozar um grande prestígio e uma grande influência no seio da juventude.

## 2. A temática da Filosofia da Ciência e da Cultura Científica nas revistas de “resistência cultural”<sup>2</sup>

Como já se acentuou, o grande esforço de divulgação do ideário filosófico do Neopositivismo ficou a dever-se sobretudo à pena de Abel Salazar. A sua actividade de polígrafo filosófico fez-se notar na imprensa regional, mas onde ela mais se evidenciou foi em algumas revistas culturais de maior projecção pública como *O Diabo*, *Seara Nova*, *Sol Nascente* e *Síntese*<sup>3</sup>, revistas que já foram objecto de estudo por parte de vários autores<sup>4</sup>. Foi através das colunas destas revistas que se pode aferir o impacte público que, sobre vários sectores da intelectualidade portuguesa, tiveram os problemas da filosofia da Ciência e da Cultura Científica. Foi também nas suas colunas que se estabeleceram algumas polémicas, de relevância diversa, mas suficientemente importantes para que os seus contendores sentissem a necessidade de sair a terreiro para defender publicamente os seus pontos de vista.

Foi n’ *O Diabo*<sup>5</sup> que Abel Salazar publicou uma espécie de curso de divulgação filosófica sobre a Escola de Viena. A sua colaboração neste tema iniciou-se com um texto na primeira página sobre a morte de Schlick<sup>6</sup>, contudo o “curso” sobre o “Pensamento Positivo Contemporâneo” começa sete números depois. Este jornal tinha um pendor claramente artístico-literário. Todavia, o empenho na difusão do ideário neopositivista, onde termos como “espaço”, “tempo”, “simultaneidade”, “causalidade”, “complementaridade” preenchiam, em grandes parangonas, os títulos de algumas páginas, abriu-o decisivamente à problemática filosófico-científica. Assim, não é de

---

<sup>2</sup> As matérias aqui afloradas já foram abordadas em (Fitas et al., 2008).

<sup>3</sup> De ora em diante estas revistas serão nas suas referências indicadas, respectivamente, por *D*, *SeN*, *SN*, e *S*, seguido por vírgula e depois pelo número (ou números separados por vírgulas).

<sup>4</sup> (Pita, 2002), (Trindade, 2004), (Ramond, 2008), (Andrade, 2007), (Dias, 2011).

<sup>5</sup> *O Diabo*, jornal publicado em Lisboa entre 1934 (2 de Junho) e 1940 (21 de Dezembro), intitulando-se “Semanário de crítica literária e artística”. Foi dirigido sucessivamente por Artur Inez (até ao n.º 58), Ferreira de Castro (até ao n.º 63), Rodrigues Lapa (do n.º 73 até ao n.º 140). O seu último director (a partir do n.º 275) foi Manuel Campos Lima.

<sup>6</sup> Assassinado a 22 de Junho de 1936 por um antigo estudante em plena escadaria da Universidade de Viena. Os motivos que levaram a este homicídio nunca ficaram cabalmente esclarecidos.

estranhar que entre os números 142 e 161 tenha ostentado a divisa “Semanário cultural de crítica livre às Artes, às Letras e às Ciências”<sup>7</sup> e se tenha criado, muito provavelmente da responsabilidade de Abel Salazar, uma secção dedicada a “Trechos selectos dos grandes filósofos contemporâneos”, publicando-se prosa de Rudolf Carnap.

No décimo nono artigo de “O Pensamento Positivo Contemporâneo”, Abel Salazar abre um parêntesis e aproveita para zurzir um certo tipo de pessoas cultas, «alguém que fala de tudo com superficialidade e pretensão», avessas às modernas correntes do pensamento filosófico. Embora António Sérgio (1883-1969) não fosse um dos visados, sai à liça para pleitear com o autor e estala uma polémica cujas peças argumentativas se estenderão por outras revistas, *Seara Nova* e *Sol Nascente*, e que terminará de forma bastante atrabiliária<sup>8</sup>.

A partir de Maio de 1938, *O Diabo* cria uma página, intitulada “Cultura Científica”<sup>9</sup>, onde os aspectos filosóficos da Ciência contemporânea são tratados, recorrendo-se muitas vezes a extractos de artigos e notícias publicados em jornais franceses – por exemplo, o matemático francês Paul Painlevé é o autor de um artigo sobre “Einstein” (*D*, 215). Também nesta mesma secção e no mesmo número é publicada uma notícia sobre “O V Congresso Internacional para a Unidade da Ciência” que se realizou em Cambridge e o tema foi “A linguagem científica”. Nesta mesma secção são dadas notícias que envolvem a actividade científica portuguesa: Ruy Luís Gomes (1905-1984) escreve sobre “A noção de tempo”, há uma recensão crítica à edição francesa da “Embriologia do Prof. Celestino da Costa” e um artigo sobre “Mark Athias” (*D*, 213, 215, 221); os dois últimos artigos não estão assinados, mas pelo seu teor, sobretudo pela atenção dada às ciências biomédicas, adivinha-se que Abel Salazar era a alma desta página. Também outros temas da cultura científica foram tratados, a saber: Bento de Jesus Caraça (1901-1947) fez duas recensões críticas (“Homem esse desconhecido” de Alexis Carrell e “A evolução da Física” de Albert Einstein e Leopold Infeld), Manuel Valadares (1904-1982) escreveu dois artigos, “No centenário da morte de Ampere” e “Recordações do Laboratório Curie” (*D*, 109, 279), também António Aniceto Monteiro (1907-1980) assinou o texto intitulado “Etapas da investigação matemática em Portugal” (*D*, 302). Valadares e Monteiro, dois bolseiros chegados de Paris em meados dos anos trinta com

---

<sup>7</sup> Posteriormente, e até ao seu último número, designou-se por “Semanário de Literatura e crítica”.

<sup>8</sup> O tom dos escritos polémicos foi bastante contundente ao ponto de obrigar a uma intervenção apaziguadora da parte de Ferreira de Macedo, Pulido Valente e Bento Caraça.

<sup>9</sup> Inicia-se em (*D*, 191).

doutoramentos realizados na Universidade dessa cidade, foram dois investigadores responsáveis pelo renascimento da investigação científica em Portugal nas áreas da Física e Matemática, respectivamente<sup>10</sup>.

O facto de *Sol Nascente*<sup>11</sup> estar sediada no Porto, bem como a presença, logo no segundo número, de uma secção designada por “Revista de Ideias” com a assinatura de Abel Salazar, mostra como ele estava comprometido com este projecto editorial. É aqui que aparece, também subscrita pelo mesmo autor, o que julgamos ser caso único em Portugal, em revistas de larga abertura cultural, uma secção sobre “O movimento científico português”. Dão-se a conhecer os trabalhos de, entre outros, Augusto Celestino da Costa (1884-1956), Ruy Luís Gomes e Aniceto Monteiro (*SN*, 14, 15, 27, 29); este último é apelidado de matemático e filósofo e sobre ele escreveu Abel Salazar:

Os seus esforços dirigem-se actualmente, como igualmente os de certos matemáticos estrangeiros, para apreender a génese e a estrutura do pensamento matemático com o auxílio do método do *diamat*; e, ao contrário de Hans Hahn e outros filósofos-matemáticos das actuais escolas, Monteiro não compreende a Matemática como uma pura tautologia [...]. É a primeira vez, segundo creio, que a Filosofia Matemática, no que ela tem de mais actual, é abordada entre nós com tal amplitude e actualização, focada em alguns dos seus pontos mais difíceis [...]. Uma aurora de pensamento filosófico digno deste nome parece despontar, em Monteiro, no charco filosofista português, onde ora troa a retórica bombástica, ora a masturbação bizantina dos sofistas de meia-tijela, ora a erística polémica do mais baixo quilate [...]  
(*SN*, 27)

A revista parecia empenhada em abrir as suas páginas a autores que trouxessem para as suas páginas o conhecimento científico-filosófico e também a actividade científica desenvolvida em Portugal. Este era o modo de apresentar a Ciência e a investigação como temas importantes a serem integrados na cultura. Jovens estudantes respondem à chamada e em 1 de Junho de 1937 um caloiro do curso de matemáticas do Porto publicou um artigo “A Ciência e o Princípio de Autoridade” que ostentava em epígrafe «“O papel do sábio na invenção das novas teorias é duma liberdade que só a palavra – beleza – pode

---

<sup>10</sup> Augusto Fitas, “O movimento de bolseiros portugueses no estrangeiro no período entre guerras e a investigação científica em Portugal”, neste volume.

<sup>11</sup> *Sol Nascente – quinzenário de ciência, arte e crítica* foi fundado no Porto a 30 de Janeiro de 1937 e é encerrado em Março de 1940, publicaram-se 45 números; inicialmente com a direcção “exercida por um grupo de discípulos de esquerda de Abel Salazar”, passou, a partir de 1938, a ser o órgão da nascente geração neo-realista de Coimbra, o que faz que, embora com sede no Porto, a sua redacção efectiva passasse a ser em Coimbra.

traduzir” Leonardo Coimbra (O Pensamento Filosófico de Antero de Quental)» (SN, 9). O estudante era Alfredo Pereira Gomes (1919-2006) irmão mais novo de Joaquim Soeiro Pereira Gomes, o autor de um dos mais emblemáticos romances do Neo-Realismo, *Esteiros*, publicado em 1941.

Dar a conhecer a cultura científica era contribuir de um modo decisivo para um novo entendimento da filosofia, era preparar o caminho para afirmar uma “Concepção Científica do Mundo”. O primeiro texto de divulgação da Escola de Viena é um extracto de um artigo de Marcell Boll (1886-1971), em que o autor é apresentado como «[...] homem de ciência de renome nos meios franceses, tradutor e prefaciador dos trabalhos da Escola de Viena». Publicar-se-ão ainda textos, ao longo dos três anos de vida desta revista, do mesmo autor, de Hans Reichenbach (1891-1953), outro neopositivista, e de físicos como Louis de Broglie (1892-1987) e James Jeans (1877-1946). Um dos últimos artigos da revista onde estão implícitas as ideias defendidas pelo “Círculo de Viena” é da autoria de Ruy Luís Gomes e debruça-se sobre a “Relatividade Restrita”, onde, logo nas primeiras linhas se pode ler a sua profissão de fé no ideário desta “Escola” (SN, 32, 33)<sup>12</sup>.

*Sol Nascente* foi também o palco onde foram encenadas algumas peças importantes das polémicas travadas directa ou indirectamente em torno da problemática filosófica do Neopositivismo, em que a personagem principal foi Abel Salazar; na primeira, o outro contendor foi Adolfo Casais Monteiro (1908-1972). Outras peças de outras polémicas serão ainda publicadas na revista, mas elas resultam do que já fora publicado em outros jornais e aqui o principal parceiro de debate foi António Sérgio.

A partir de meados do seu tempo de vida, quando a sua direcção editorial sai do Porto e se transfere para Coimbra, surgem em *Sol Nascente* artigos que, sob o ponto de vista filosófico, defendem a diamática – acrónimo de Materialismo Dialéctico. Pode dizer-se que os pontos de vista da geração neo-realista começam a publicar-se mais amiúde nas páginas deste jornal. É significativo que um articulista – Jofre Amaral Nogueira (1917-1972) – escrevesse no último parágrafo de “O papel duma nova geração”, o seguinte:

A nova geração só pode realmente sê-lo se colocar de parte as concepções estáticas do mundo liberal, se perder a ilusão reaccionária das coisas em si e por si; se for capaz de transformar a grande parte da sua subjectividade em objectividade do dia seguinte, de fazer uma negação concreta e fecunda do mundo em que vive; se o seu trabalho histórico – e é só o trabalho histórico que define uma geração – não for uma renúncia, a comodidade das “verduras” traídas, mas for uma obra positiva, um alicerce novo na vida humana [...] (SN, 28).

---

<sup>12</sup> Este artigo corresponde ao capítulo “Introdução” do livro (Gomes, 1938).

Relembre-se que, ainda no período portuense da revista, o mesmo autor mantivera com Sérgio uma polémica sobre os fundamentos filosóficos do Materialismo Dialéctico (SN, 19, 21). Publicaram-se artigos do filósofo marxista francês Henri Lefebvre (1901-1991) (“Que é a dialéctica?”)<sup>13</sup> (SN, 29, 30, 31, 32, 33) e do físico inglês John Bernal (1901-1971) – muito conhecido internacionalmente pela defesa das ideias marxistas em relação à “Função Social da Ciência” – dedicado à “Estrutura da matéria” (SN, 43, 44, 45). Também, sob o pseudónimo G.C., apareceu prosa de Josef Stalin (1878-1953) (SN, 40, 45) extraída de *O Materialismo Dialéctico e o Materialismo Histórico*<sup>14</sup>. Um autor, Alves Moura, escreveu um conjunto de três artigos que pela sua temática abordavam questões históricas e filosóficas (“A técnica meio de libertação do homem”, “É a natureza dialéctica?”, “abc-acerca do idealismo”) (SN, 34, 41, 45), defendendo um «método [que] além de dialéctico é materialista», explicitando a sua posição:

Estudamos tanto os fenómenos da matéria inorgânica e orgânica como os fenómenos sociais à luz do mesmo método, o que não quer dizer que os identifiquemos ou confundamos, pois os elementos que a realidade nos fornece para tais estudos são diferentes [...] (SN, 41).

Este nome não voltará a ser lido nos escaparates futuros do articulismo filosófico, mas o mesmo autor, sem usar este heterónimo, dará à estampa, em meados da década de quarenta, um importante estudo sobre a Escola de Viena que será referido adiante. Alves Moura é o pseudónimo, na época, de um iniciado na reflexão filosófica, Egídio Namorado (1920-1977).

De todas as revistas mencionadas, aquela que se publicava há mais tempo, e também que será mais longeva, *Seara Nova*<sup>15</sup>, “Revista de doutrina

---

<sup>13</sup> Em carta, o autor autorizou Jofre Amaral Nogueira a traduzir e publicar em *Sol Nascente* o seu texto (Vilaça, 1997, 189 e 201).

<sup>14</sup> Texto retirado da História do Partido Comunista Bolchevique da URSS (cap. IV-2), obra editada em 1938 e aprovada pelo Comité Central do PC(b) da URSS, que contém uma exposição concisa sobre a teoria do Materialismo Dialéctico e Histórico cuja redação foi atribuída a Stalin, sendo posteriormente incluído nas suas obras (Andrade, 2010, 136-139).

<sup>15</sup> *Seara Nova* publicou-se em Lisboa entre 15 de Outubro de 1921 e 1979, editaram-se 1599 números. Fundada por intelectuais republicanos ligados ao grupo da Biblioteca Nacional, onde se destacaram as figuras de Raul Proença, António Sérgio, Jaime Cortesão, Câmara Reis, a revista pugnava pela criação de uma maior consciência democrática e republicana, demarcando-se da acção dos partidos, defendendo um programa onde a instrução e a educação cívica tinham um papel proeminente e destacando-se pelo seu combate muito firme às ideias do integralismo lusitano. Após o 28 de Maio de 1926 foi uma trincheira na resistência à ditadura e manteve-se firme nessa linha, embora com diferentes orientações ideológicas, até ao 25 de Abril de 1974.



e crítica”, foi uma das publicações onde apareceram vários textos importantes no debate filosófico-científico. Se *Sol Nascente* e *O Diabo* se caracterizam, entre vários aspectos contemplados no seu projecto editorial, pelo esforço em dar a conhecer os modernos temas filosóficos, em particular os associados ao Neopositivismo e ao Materialismo Dialéctico, *Seara Nova* acompanhou este esforço, mas assumindo um tom muito mais crítico em relação à filosofia exposta pela Escola de Viena. Esta postura dever-se-á por certo à presença de António Sérgio, enquanto membro da direcção da revista, que não escondia os seus pontos de divergência em relação a estas duas correntes filosóficas.

Apesar do seu eclectismo filosófico, e pelo papel importante de resistência à ditadura, a sua persistência numa consciência democrática e republicana que se pautava por muitas das concepções da velha geração de 70, a revista vai dar guarida a algumas das polémicas mais marcantes no meio intelectual português sobre temas filosófico-científicos. Foi nas suas páginas que José Rodrigues Miguéis (1901-1980), um jovem militante seareiro desde a primeira hora, e um dos primeiros bolsiros da JEN em ciências pedagógicas no estrangeiro<sup>16</sup>, lançou o mote para uma discussão acesa onde critica o pensamento político oposicionista “seareiro” e apresenta as ideias marxistas como alternativa; tudo isto a pretexto de um artigo sobre “O conceito de revolução em Eça de Queiroz”<sup>17</sup>. Ainda em defesa das ideias marxistas, integrada numa secção “Página da Mocidade”, a direcção da revista publicou o trabalho, assinado por Vasco de Magalhães-Vilhena (1916-1993), referente a uma conferência realizada na Universidade Popular Portuguesa na noite de 14 de Março de 1935, “Aspectos do Pensamento Grego – A Luta pela Inteligência” (*SeN*, 441, 443, 445, 447, 451). Um artigo cuja bibliografia não deixa margem para dúvidas e onde se faz referência, entre outras, às obras seguintes: *Galileo Galilei*, *Valor Científico e Valor Moral Da Sua Obra* de Bento de Jesus Caraça; *Études Philosophiques* de Karl Marx e Fréderich Engels; *La Théorie du Matérialisme Historique* de N. Bukhárine.

Em 1930, na sequência das palestras que Paul Langevin (1872-1946)<sup>18</sup> fizera em Lisboa, Porto e Coimbra, *Seara Nova* foi o palco de uma disputa entre Gago Coutinho (1869-1959) – estivera em lugar de destaque a assistir às conferências de Einstein no Brasil em 1925 – e Manuel dos Reis (1900-

---

<sup>16</sup> José Rodrigues Miguéis estagiou na Bélgica nos anos lectivos de 1929-30, 1931-33 e 1932-33.

<sup>17</sup> Polémica mantida com o grupo de *Seara Nova* a propósito de um artigo de Castelo Branco Chaves, intitulado «O conceito de revolução em Eça de Queiroz» (*SeN*, 205).

<sup>18</sup> Este sábio francês deslocou-se a Portugal enquanto representante do *Collège de France* na cerimónia comemorativa do III Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa realizada a 7 de Dezembro de 1929.

-1992), professor de Física Matemática da Universidade de Coimbra: o primeiro, colocando em causa a Teoria da Relatividade; o segundo, defendendo-a. A exemplo do que fizera no Brasil, Gago Coutinho, manifestou-se contra as teses expostas pelo cientista francês, publicando em vários números da revista dois artigos (*SeN*, 200, 203, 210, 229), segue-se a resposta de Manuel dos Reis, solicitada pela direcção da revista (*SeN*, 207, 209, 219), cujo texto merecerá ainda uma réplica do geógrafo. Os anos passam e em 1937 o Almirante voltou à carga com um texto anti-relativista a propósito de um curso de Ruy Luís Gomes sobre a Relatividade Restrita<sup>19</sup>. O matemático publicou, então, em números sucessivos da revista, a resposta ao almirante; os polemistas mantiveram-se irredutíveis nas suas posições e a revista foi obrigada a pôr um ponto final nesta querela científica<sup>20</sup>.

A 4 de Abril de 1937, a *Seara Nova* abriu as portas à colaboração de Abel Salazar (*SeN*, 505) e foi o próprio António Sérgio, ainda antes das polémicas em que se incompatibilizaram, que lhe dirigiu o convite. O artigo de Abel Salazar constitui exemplo único, nas páginas de *Seara Nova*, de defesa das ideias da Escola de Viena. E no sentido oposto pode citar-se a publicação do artigo de um filósofo americano<sup>21</sup>, traduzido por Vitorino de Magalhães Godinho (1918-2011), que constitui uma crítica filosófica ao ideário neopositivista e que irá influenciar uns anos mais tarde Egídio Namorado. Sob o ponto de vista da Filosofia da Ciência e da difusão das ideias científicas a *Seara Nova* não publicará outra prosa relevante de reflexão filosófica, preferirá antes os textos históricos sobre figuras marcantes do areópago científico, como foram os casos de Galileu, Pasteur e Darwin, onde se destacaram autores como Agostinho da Silva (1906-1994) e Alberto Candeias (1891-1972). Textos que na sua quase totalidade foram editados como opúsculos autónomos pela própria revista.

Coimbra assistiu no princípio de 1939 ao aparecimento de uma outra revista, *Síntese*<sup>22</sup>, cuja vida, tal como a maioria das suas congéneres, será bastante efémera. O seu primeiro número abriu com um manifesto, “A cultura e o pensamento actual”, assinado por Abel Salazar. De todas as revistas

---

<sup>19</sup> Lições dadas num curso promovido pelo Núcleo de Matemática, Física e Química, Augusto Fitas, “O movimento de bolseiros portugueses no estrangeiro no período entre guerras e a investigação científica em Portugal”, neste volume.

<sup>20</sup> Os artigos de Ruy Luís Gomes e de Gago Coutinho foram posteriormente editados por *Seara Nova* em dois opúsculos separados.

<sup>21</sup> Werkmeister, William H., Sete teses do Positivismo Lógico examinadas criticamente (*SeN*, 602, 603, 607, 609, 610, 611). Posteriormente este trabalho foi editado em brochura própria pela *Seara Nova* (Werkmeister, 1939).

<sup>22</sup> *Síntese*, publicou-se em Coimbra desde Fevereiro de 1939 até Dezembro de 1941 e editaram-se 15 números. A partir do n.º 11/12 passa a ostentar o subtítulo “Revista mensal de cultura científica-literária e artística”.

mencionadas, esta foi a que mais espaço dedicou à Ciência, especialmente à Biologia, e à técnica. No editorial de Dezembro de 1940 podia ler-se:

[...] começou titubeante, perdendo-se entre os campos literário, artístico e científico, para se afirmar, a pouco e pouco e cada vez mais, no campo entre nós quási virgem da divulgação científica [...] (S, 11/12)

E, neste mesmo número, passou a ostentar o subtítulo “Revista mensal de cultura científica-literária e artística”, isto é, a cultura científica passou a figurar no primeiro lugar dos seus objectivos. Percebe-se a sua identificação com o movimento neo-realista, não pelos textos teóricos de teor artístico-literário, mas pela publicação de poesias de Joaquim Namorado (1914-1984), pelas recensões críticas de obras de Alves Redol (1911-1969) e fundamentalmente pelo alinhamento com os pressupostos filosóficos do movimento.

O seu empenhamento na difusão da cultura científica é manifesto e, logo no primeiro número, anuncia para o «próximo número» o aparecimento de uma secção “Síntese das Revistas”, onde se pretende colocar

[...] [os]nossos leitores a par do movimento artístico, literário e científico mundial, dando em sínteses o que de novo e substancial aparecer nas principais revistas de todos os países [...] as ciências (a Física, a Biologia, a Medicina, a Psicologia, etc.) serão tratadas por especialidades, sendo visadas, principalmente, as novas descobertas, as novas teorias, as novas concepções.

Títulos como “Noções Fundamentais de Biologia”, “Introdução ao estudo da psicologia científica” estendem-se por vários números, a par de artigos assinados por A. Einstein, Jean Thibaud (1901-1960), R. Millikan (1868-1953), P. Langevin e Jean Rostand (1894-1977). Se os três primeiros autores se debruçam sobre matérias ligadas aos fundamentos da Física, os dois últimos explanam mais sobre temas ligados à Filosofia da Ciência, por exemplo, “Positivismo e Realismo” ou “O homem perante a Ciência”. A revista dedicou particular atenção á Psicologia e à Psicanálise: nos últimos números foram publicados textos assinados por Sigmund Freud (1856-1939) enquanto que no primeiro surge um artigo dedicado à Psicologia de José Neiva, autor que assinará, anos depois, na Biblioteca Cosmos, *A Psicologia Dos Adolescentes*<sup>23</sup>. Foi nos dois últimos números de *Síntese* que Luís Albuquerque (1917-1992) se iniciou na publicação de trabalhos sobre História da Ciência (“O sistema do mundo na antiguidade” e “O sistema de Ptolomeu”)

---

<sup>23</sup> O n.º 44 desta colecção.

(S, 13, 14, 15). Foi também nas suas páginas que apareceram dois artigos assinados por José Vasco Salinas (S, 6, 7) – pseudónimo de Josef Stalin – correspondendo, como em *Sol Nascente*, a traduções de extractos de *O Materialismo Dialéctico e o Materialismo Histórico*. No primeiro destes artigos a dialéctica era apresentada como uma característica imanente à própria natureza, o que corresponde ao facto de as propriedades da natureza, no seu funcionamento próprio, caucionarem o estatuto científico do Materialismo Dialéctico. Uma leitura onde se abandona as características hegelianas da dialéctica, expostas já por Lefebvre nos artigos de *Sol Nascente*, isto é, a sua aplicação na apreciação das propriedades da natureza enquanto método de análise de um processo, assumindo, agora de modo contrário, a dialéctica como uma manifestação intrínseca à natureza em si, era o passo necessário para a cientifização do Marxismo...

Esta era a premissa que faltava para que no pensamento de todos aqueles que se batiam por uma sociedade mais equilibrada e justa, em especial os apoiantes da nova Rússia, se aceitasse o progresso científico e técnico como uma componente fundamental do devir histórico ou a certeza inabalável de que este progresso ajudaria a cumprir os fundamentos da nova sociedade. Esta era uma ideia subsumida na prática marxista.

Exactamente pelas questões que se colocam com esta crença nos efeitos do progresso técnico-científico que, de todos os artigos de jovens autores alinhados com o Neo-Realismo publicados na *Síntese*, versando matérias ligadas à Filosofia da Ciência, talvez o mais relevante fosse um texto assinado por Jofre Amaral Nogueira, “Alguns aspectos do fenómeno científico”, exposto ao longo de vários números (S, 8, 9, 10). O autor parte da hipótese que a Ciência tem, sob o ponto de vista social três funções “características”:

[...] [1] contribui para a formação das concepções do mundo em que vivemos e reveste, por isso, um carácter ideológico [...] [2] desdobra-se em técnicas de toda a ordem que, além de aumentarem, em proporções enormes, o rendimento do trabalho humano, revestem o carácter de forças produtivas [...] [3] o próprio trabalho científico (investigação, formação de quadros técnicos, transmissão de saber) é uma forma de trabalho social produtivo, dependente da forma como as sociedades se organizam no capítulo produção e da forma como dependem, por sua vez, na sua história, da maneira como se organizaram nesse capítulo [...] (S, 9).

A Ciência é um fenómeno social e corresponde a um modo de o homem dominar o mundo em que vive, ela constitui um utensílio «que, nesse aspecto, se pode juntar à charrua», podendo a Ciência, como força produtiva, entrar em conflito com as “formas” vigentes da produção...o que conduz o autor a problematizar: «[...] em que medida a Ciência (os seus métodos e as

consequências sociais das suas inovações) podem alterar a maneira de ser dos homens pensantes?». Não se furtando também, perante a pergunta – é possível «uma explicação geral da História em função das inovações científicas?» –, a responder «é obvio que não» (S, 10). Conclui o seu texto com a afirmação que «[...] se acreditou sinceramente que a Ciência, pela pura continuidade dos seus progressos, teria força para encaminhar a vida ao sabor do seu próprio caminhar», mas tal não seria possível e não passaria de uma «utopia», finalizando com o aviso «cuidado com as utopias que nos ficam muito próximas das mãos...». Ou seja, há da parte deste autor a assunção, talvez um pouco arriscada no quadro ideológico da época, que esse progresso não tem no motor do seu processo a marca de um devir histórico inabalável e que, exactamente por isso, deve ser questionado. Expressava-se cepticismo, ou fundadas reticências, sobre a benignidade da solução conduzida pela fé no progresso científico.

Na sua exposição, Amaral Nogueira manifesta uma visão histórica e social sobre o desenvolvimento da Ciência, sublinhando que «as estruturas sociais são pois o meio onde se desenvolve o fenómeno científico», contudo não se exime em, a dado passo, afirmar «a Ciência é uma série de enunciações sobre a realidade do mundo em que vivemos» (S, 8), isto é, perfilhando uma posição de filiação neopositivista, e, dentro deste ponto de vista, bastante incompleta, sobre a natureza da edificação do conhecimento científico. Era a influência intelectual de um homem como Abel Salazar no pensamento dos mais jovens, relação a que não deve ser estranho o facto de o articulista em causa, trinta anos depois, ter organizado uma antologia sobre a obra do historiologista portuense.

### 3. Uma conferência, um livro e um seminário

Em Maio de 1940, já *Sol Nascente* deixara de existir e *Síntese* ia em meados da sua existência, integrado num ciclo de conferências do Laboratório de Física da Universidade de Coimbra, e organizado por Mário Silva (1901-1977), foi convidado para proferir uma palestra alguém não ligado às ciências, mas um filósofo, um jovem assistente da Faculdade de Letras coimbrã, que se propôs dissertar sobre “A unidade da Ciência: um problema de Filosofia científica”. Um tema que, segundo as palavras do organizador, era

[...] difícil mas cujo sentido moderno não deixará inteligentemente de nos apresentar na sua forma mais impressionante, quase contraditória: unidade do que, sob tantos aspectos, se mostra multiplicidade: a Ciência nos seus variados aspectos que o especialista de cada ramo do saber, por deformação profissional, poucas vezes abarca, mas que o filósofo procura justamente dilucidar e esclarecer à luz clara do seu juízo crítico (Silva, 1971, 154).

Eis um caso singular de colaboração, acontecido na provecta Universidade de Coimbra, entre o meio científico e filosófico que não se quedará por aqui e voltar-se-á a manifestar em outras iniciativas. Não se conhece o texto da conferência, mas o palestrante, Vasco de Magalhães-Vilhena, já era conhecido pelas suas intervenções histórico-filosóficas feitas à luz do Materialismo Dialéctico<sup>24</sup>. O problema da construção do conhecimento científico era um tema que lhe interessava de sobremaneira a tal ponto que, em Janeiro de 1940, concorreu a uma bolsa de estudos do *British Council* para realizar investigação na Universidade de Cambridge em Epistemologia, contudo a guerra gorou os seus planos. Daí que o tema desenvolvido na sua palestra tenha servido de mote para um livro que publicou em 1941, *Unidade Da Ciência. Introdução a Um Problema* e que ostentava em epígrafe, na página do índice, a expressão, “Dissertação para Doutoramento em Ciências Filosóficas na Universidade de Coimbra” (Magalhães-Vilhena, 1941) . Um doutoramento que não aconteceu, ou que foi impedido de acontecer, mas que era revelador das intenções do autor quanto à sua relação com a Filosofia da Ciência.

Que se saiba muito pouca atenção tem sido dedicada a este livro de Magalhães-Vilhena – excepção feita a (Chitas, 2000) –, na medida em que o seu trabalho se afastava das correntes da moda ou do estilo de exercício filosófico português, daí que, até no período em que foi editado, não tenha suscitado qualquer interesse nos meios académicos ou intelectuais em geral. Que se saiba não há qualquer recensão a este livro em qualquer revista e jornal da época.

O que em seguida se expõe já foi objecto de estudo mais desenvolvido noutra publicação (Fitas, 2015). Para o desinteresse sobre esta obra concorreram dois factos: primeiro, o problema em causa, unidade da Ciência, era um dos problemas lógicos e epistemológicos mais debatidos no que diz respeito à crítica do conhecimento científico, um problema que corresponde ao «recrudescer do interesse pelas questões de filosofia científica» (Magalhães-Vilhena, 1941, 21), matérias de que a maior parte dos estudiosos portugueses de Filosofia se alheava; segundo, era uma dissertação em Filosofia da Ciência construída de uma forma bastante críptica e, neste domínio, era a tese marxista possível num país culturalmente isolado, económica e socialmente atrasado, ideologicamente vigiado e politicamente oprimido.

E para se perceber que era uma tese marxista importa prestar atenção a algumas características particulares da construção da dissertação, a saber: o tipo de linguagem alegórica quer ao nível dos conceitos e raciocínios quer dos pensadores emblemáticos do Marxismo, o que implicava um cuidado

---

<sup>24</sup> Em 1939, Magalhães-Vilhena licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas com a dissertação final, “Progresso. História Breve de Uma Ideia”, que «[...] constitui sem explicitamente se afirmar como tal, como se compreenderá ao tempo, o primeiro livro filosófico marxista escrito em Portugal. A temática indicia-o, a metodologia confirma-o» (Melo, 1990, 304).

particular no uso de formas cifradas para passar a mensagem (era necessário enganar a sentinela intelectual ou policial do “Estado Novo”); a forma como os principais autores são citados e a bibliografia expressa (era necessário passar informação tida como neutra e ideologicamente descomprometida); o contexto geral (internacional) em que estes temas eram pensados e discutidos, e as suas repercussões a nível nacional, implicavam uma leitura do que não está expressamente escrito, mas aparece veiculado nas fontes citadas. É na conjugação destes eixos de análise, onde todos são relevantes, que é possível avançar com algumas conclusões.

Efectivamente não há citações directas dos mestres da diamática e dos seus principais epígonos – não seria possível fazê-lo no Portugal dos finais dos anos trinta do século XX. Contudo, essencialmente ao nível do capítulo introdutório da “Unidade da Ciência”, existem algumas paráfrases de textos de Marx e Engels, em especial deste último, que permitem identificar a adesão filosófica do seu autor a um determinado ideário (Chitas, 2000, 223-224). Depois há esse afã de desenvolver a historicidade dos conceitos (muito visível em todo o texto) e que o próprio autor, quarenta anos depois, explica – a «[...] ideia que no Marxismo consiste em estudar tudo sob o prisma da História [...] o historismo é uma das teses do Marxismo» (Andrade, 1990, 339); a assunção de que em toda a natureza, em toda a História, no universo das ideias tudo se exprime através de um processo, todo o pensamento está sujeito a um movimento permanente em mudança constante. E como remate de todo este edifício, leia-se o último parágrafo que é uma espécie de alusão ao apelo neokantiano de que o autor, também quarenta anos depois, desvenda o significado. Está lá a mensagem, é necessário decifrá-la (Fitas, 2015, 545).

Em nenhum momento da dissertação se encontra a mais leve referência, mesmo indirecta, a uma obra fundamental, sempre citada por qualquer estudioso das relações entre o Materialismo Dialéctico e a Filosofia da Ciência, que é *Materialismo e Empiriocriticismo* de Lenine. Muito provavelmente Magalhães-Vilhena não a conheceria directamente, embora tivesse acesso a ela através de outras fontes utilizadas; aqui os artigos referenciados, (McGill, 1936) e (McGill, 1937), foram publicados no *Science & Society* – revista fundada, em Nova York no ano de 1936, e dirigida por intelectuais marxistas com ligações à Filosofia e à Ciência (Reisch, 2005, 59) – são fundamentais, embora só o primeiro seja citado.

Os fundadores e editores da *Science & Society* – revista que continua a ser publicada ininterruptamente desde 1936 – incluíam os seguintes autores: nos EUA, Albert Blumberg (fora estudante de Moritz Schlick), V. J. McGill, e Margaret Schlauch; na Grã-Bretanha, J. D. Bernal, Lancelot Hogben e Joseph Needham<sup>25</sup>; ainda o geneticista americano H. J. Muller que então

---

<sup>25</sup> Três cientistas muito influentes no seio dos marxistas ingleses: o primeiro, físico e

trabalhava na URSS. O intuito dos fundadores era alimentar um espaço de edição e debate para cientistas, filósofos e historiadores marxistas de modo a tratar os temas ligados a estas áreas numa perspectiva de aplicação e aprofundamento do Marxismo. A revista era um instrumento para conquistar e convencer os colegas de profissão sobre a importância do Materialismo Dialéctico.

E Vasco de Magalhães-Vilhena socorre-se de artigos desta publicação como fontes fundamentais para a discussão do tema em apreço. Os artigos de V. J. Mc Gill<sup>26</sup> já referidos são bastante eloquentes na apreciação crítica do Neopositivismo sob a perspectiva marxista. Terá sido nesta prosa além Atlântico que o assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra encontrou uma fonte inspiradora para o tema a tratar na sua dissertação, muito especialmente para o elo filosófico entre Positivismo Lógico-Unidade da Ciência-Materialismo Dialéctico.

A problemática da “Unificação da Ciência” tinha como seu grande campeão um dos signatários do manifesto do *Wiener Kreis*, Otto Neurath que era tido nos meios intelectuais e académicos de influência marxista como um *compagnon de route*. Em 1919, Neurath participara e colaborara, enquanto dirigente do gabinete da Administração Central da Economia, na efémera República Soviética da Baviera que será militarmente derrotada. Uma derrota acompanhada por um cortejo de centenas de presos, mortos e execuções sumárias, que arrastou Neurath para o tribunal como réu de alta traição. Julgado e condenado a prisão perpétua, foi em 1924 alvo de amnistia e regressou a Viena. Na capital austríaca colaborou activamente com o Partido Social Democrata em iniciativas socio-culturais do município da capital – era o período da “Viena Vermelha”. Otto Neurath era um intelectual empenhado, todavia este tipo de militância não era compartilhado por todos os membros do “Círculo de Viena”: intitulava-se marxista e deu várias palestras em que o tema era o Marxismo e o problema da unidade em Ciência, palestras a que Moritz Schlick nunca assistiu. Neurath pensava que as suas convicções socialistas não eram bem aceites por outros membros do círculo (Cartwright et al., 2008, 78). Compreende-se assim a proximidade de pontos de vista e, até certo ponto, uma relativa afinidade filosófica ditada por algu-

---

especialista em cristalografia; o segundo, um biólogo e especialista em genética; o terceiro, bioquímico e embriologista, estudioso da História da Ciência na China

<sup>26</sup> Em 1954, a carreira de professor universitário de V. J. McGill (1897-1977) foi abruptamente interrompida devido ao inquérito levado a cabo por uma Comissão do Estado de Nova York (versão local da onda MacCartista que assolava os EUA) que expulsou das universidades todos os professores denunciados por diversos informadores como tendo ligações ao Partido Comunista, poupando unicamente aqueles que se transformavam em novos denunciantes; apanhado nesta armadilha e recusando ser delator foi expulso do seu lugar de professor e lançado no desemprego (Parry, 1977).



ma proximidade ideológica: Magalhães-Vilhena terá sido contagiado por este clima, especialmente pelos artigos de McGill.

A *Science & Society* consta do inventário da biblioteca pessoal de Magalhães-Vilhena<sup>27</sup> e foi através das suas páginas que teve acesso aos artigos de marxistas, como os de Struik e Bernal, também citados no seu livro. Bernal era o autor de *The Social Function of Science* – incluído na bibliografia de Magalhães-Vilhena – e já fora dado a conhecer em Portugal nas páginas de *Sol Nascente*. Mas há outros autores, reconhecidamente marxistas na sua postura filosófica, que são citados na falhada dissertação de doutoramento, como é o caso dos matemáticos Hyman Levy (1889-1975) e E. Colman (1892-1979), este último como o autor de uma comunicação feita ao II Congresso Internacional de História da Ciência e da Tecnologia que ocorreu em Londres no ano de 1931, onde participou como membro da importante delegação soviética chefiada por Nikolai Boukharin (1888-1938). O facto de a maior parte dos autores marxistas constituintes da bibliografia ser de origem inglesa ou americana ajudava também a despistar as atitudes de vigilância censória do claustro universitário.

Apesar de se ter gorado o seu doutoramento, a colaboração de Magalhães-Vilhena com os físicos de Coimbra intensificou-se a ponto de participar num outro curso, também organizado pelo Laboratório de Física – *Introduction Physique et Philosophique à la Théorie des Quanta*. Nessa data (ano de 1942) estava de passagem por Portugal o físico austríaco Guido Beck (1903-1988) de origem judaica que, através de velhos conhecimento do laboratório Curie, procurara refúgio em Portugal e contactara Mário Silva<sup>28</sup>.

Se o programa do curso, no que diz respeito à Física era orientado por Beck, ao qual se associaram outros professores de Matemática e Física da Universidade de Coimbra, o programa da secção filosófica do curso estava a cargo de Magalhães-Vilhena e era composto pelos seguintes capítulos: “1 – Ciência e epistemologia. 2 – Conhecimento e realidade. 3 – Espaço e Tempo. 4 – Causalidade e determinismo. 5 – Fundamento da Indução. 6 – Razão e experiência”. Já a “*Introdução Física*” era composto por: “1 – O problema da Física Teórica. 2 – Diferentes aspectos da Mecânica clássica. 3 – Evolu-

---

<sup>27</sup> Depositada na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

<sup>28</sup> Beck, na altura com 39 anos e com uma larga experiência de ensino em meios muito diversos, desde a União Soviética aos Estados Unidos da América, estava habituado a ambientes difíceis e diferentes. Em Portugal, permaneceu desde fins de Dezembro de 1941 até finais de Março de 1943 e, ao longo deste ano e meio, construiu uma importante teia de relações profissionais e pessoais com os físicos e matemáticos portugueses, especialmente com aqueles que então procuravam transformar a cena científica portuguesa (Fitas e Videira, 2004). Augusto Fitas, “O movimento de bolseiros portugueses no estrangeiro no período entre guerras e a investigação científica em Portugal”, neste volume.

ção da Electrodinâmica clássica. 4 – Aparelhagem matemática da Teoria dos Quanta. 5 – Mecânica Quântica. 6 – Electrodinâmica Quântica. 7 – Bases experimentais da Física Quântica” (Fitas e Videira, 2004, 83). Por motivos de força maior o curso foi interrompido e a parte de Filosofia não chegou a ser ministrada, também não se conhece qualquer apontamento de Magalhães-Vilhena sobre a preparação do curso. De qualquer modo, e independentemente da sua postura filosófica, fica registado o seu interesse pelos problemas da relação entre a Filosofia e a Ciência, defendendo que «a Filosofia ou tem uma base científica ou é literatice» (Melo, 1990, 201).

Até 1945, Magalhães-Vilhena foi assistente na Faculdade de Letras de Coimbra, sendo, depois, forçado a abandonar a docência em Coimbra (o contrato não foi renovado), onde ensinava História da Filosofia Antiga, para, nesse mesmo ano ir para Paris como bolseiro do governo francês.

#### 4. Egídio Namorado, Rodrigues Martins e a *Vértice*<sup>29</sup>

Em 1945, o jovem finalista da licenciatura em Ciências Físico-Químicas da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra dava à estampa um ensaio com cerca de cento e vinte e cinco páginas intitulado *A Escola de Viena e Alguns Problemas Do Conhecimento* (Namorado, 1945a). Era um trabalho crítico sobre o Neopositivismo e o ideário do autor era já conhecido, pois o que publicara em *Sol Nascente*, assinado com o pseudónimo de Alves Moura, mostrara as suas opiniões sobre alguns problemas epistemológicos, colocando-o no campo que ele próprio apelidava do “Racionalismo Científico moderno”.

O propósito deste ensaio era uma crítica às principais teses da Escola de Viena. O autor reconhecia a importância desta corrente filosófica como marco importante na superação entre duas linhagens filosóficas tidas como divergentes: os racionalistas e os empiristas. As implicações filosóficas quer do desenvolvimento da Matemática, especialmente a sua relação com a Lógica, quer da revolução que tinha estalado na Física no início do século XX, permitiram a tentativa de reunificação destas duas correntes filosóficas, ditas inconciliáveis, numa nova doutrina que era o Empirismo Lógico. Era uma corrente filosófica que, segundo Egídio Namorado, procurava responder à crise filosófica que, desde os finais do século XIX, fustigava a própria Ciência. Crise sobre a qual o Racionalismo Científico moderno exprimia uma profunda preocupação quer pelo recrudescimento crítico a que foram sujeitas as correntes filosóficas mais directamente ligadas ao pensamento científico, o Positivismo e o Materialismo, quer, por outro lado, pela forma

---

<sup>29</sup> O que em seguida é tratado nesta secção foi já desenvolvido em outros trabalhos (Fitas et al., 2008).

como estas correntes se deixaram infiltrar por elementos metafísicos, enquistando-se num dogmatismo em que os seus prosélitos mais pareciam teólogos invocando a Bíblia.

Percebe-se, logo nas primeiras páginas da sua introdução, a importância que atribui ao Neopositivismo em dois pontos essenciais: o combate ao anti-Racionalismo e o projecto de formulação de uma visão unificadora da Ciência. Todavia não esconde, também logo de início, uma das ideias em que está longe de se identificar com os neopositivistas, uma divergência de fundo: os empiristas lógicos desprezavam tanto «[...] os ensinamentos da História que estabeleceu a dependência do conhecimento em relação ao ambiente social, económico e técnico» (Namorado, 1945a, 5), como também a evolução temporal dos conceitos científicos. Egídio Namorado não recusa o projecto neopositivista na sua construção filosófica, e que reflectia as conquistas da Ciência moderna, mas obriga-o à historicidade da própria razão. Invocando as teses de Werkmeister, já publicadas em Portugal por *Seara Nova*, o autor parte para uma abordagem crítica dos principais pontos de vista da Escola de Viena.

Evitando pormenorizar as críticas ao Neopositivismo desenvolvidas no opúsculo de Namorado, atente-se unicamente na sua argumentação sobre o ênfase que o manifesto do “Círculo de Viena” colocava no respeitante à defesa de uma Ciência unitária, o que correspondia à redução de todas as ciências à Física. Egídio Namorado rejeita tal tese e defende que «[...] no estado actual de desenvolvimento da Ciência, o fenómeno biológico e o fenómeno psíquico [...] são irredutíveis a fenómenos físicos» (Namorado, 1945a, 110), sustentando que a posição científica é aquela que remete para a investigação e progresso dos conhecimentos, a resposta a tal problema.

Neste ensaio o autor não se deixou arrastar pela postura anatematizadora de quem vê na Escola de Viena o principal adversário da epistemologia marxista, sustentando ainda a importância quer da defesa do Empirismo quer da construção lógico-matemática da linguagem científica dos neopositivistas. A sua crítica a esta escola filosófica incidia essencialmente na amputação histórico-social a que estes pensadores sujeitavam a Ciência, como também ao seu insuficiente Empirismo, e à sua incapacidade para compreender a relação entre a estrutura da razão e a realidade em si. Egídio Namorado, como a maior parte dos autores portugueses que estudou o “Círculo de Viena”, desconhecia a língua alemã, acedendo unicamente aos textos que se publicavam em língua francesa, não se eximindo no entanto de citar na bibliografia as principais obras publicadas em português sobre o assunto, não fazendo, porém, qualquer referência ao livro de Magalhães-Vilhena. A actividade ensaística de Egídio Namorado prosseguiu com continuidade e em 1958, treze anos após a publicação do seu primeiro ensaio, surgiu nos escaparates livrários um livro de sua autoria que reunia a sua produção até aí dispersa por diversas revistas (Namorado, 1958).

Foi numa nova revista, entretanto aparecida em Coimbra<sup>30</sup>, que no primeiro trimestre de 1945 se publicou a recensão crítica do ensaio de Egídio Namorado, sendo seu autor um jovem assistente da Faculdade de Ciências de Coimbra, José Luís Rodrigues Martins (1914-1984)<sup>31</sup>. O artigo em causa abre com uma defesa da

[...] introdução no nosso ensino superior da Física Moderna, além de uma História e Filosofia das Ciências que fornecessem uma segura perspectiva de conjunto dos conhecimentos adquiridos, transformando-os em mais do que um triste caos de factos e leis [...] (Martins, 1945, 55).

A primeira sugestão defendida corresponde à necessidade imperiosa de actualização dos *curricula* científicos do nosso país que, de um modo geral, padeciam de atrasos sistemáticos, e o autor acrescentava:

[...] o estudo da Física Moderna tornou-se indispensável para a compreensão e crítica das modernas correntes do pensamento científico e filosófico, e, em particular, do Racionalismo Diamático, que nela encontra a sua mais decisiva exemplificação [...] (Idem).

O acrónimo empregue não deixa margem para dúvidas quanto às suas opções filosóficas na época. A segunda sugestão corresponde no contexto português a um ponto de vista absolutamente pioneiro no ensino das ciências.

Em relação à obra que era o alvo da sua análise, Rodrigues Martins, numa perspectiva crítica sobre o Neopositivismo, traz à colação Gaston Bachelard (1884-1962). Este filósofo da Ciência foi, nas décadas de trinta e quarenta, o mais importante pensador a avançar com teses claramente opostas às do “Círculo de Viena”, defendendo a Ciência como um acontecimento essencialmente histórico e sustentando que o conhecimento científico avança mediante rupturas epistemológicas sucessivas. Este processo de ruptura é a forma do conhecimento científico se aproximar da verdade. Tais teses justi-

---

<sup>30</sup> *Vértice*, revista fundada em Coimbra no ano de 1942 e dirigida por Carmo Vaz e Raul Gomes, foi uma das revistas mais prestigiadas e de uma longevidade excepcional. A sua primeira série terminou com o n.º 475 (1986), sendo considerada o órgão oficial do Neo-Realismo.

<sup>31</sup> Licenciado no ano de 1938 em Ciências Físico-Químicas, ingressou no ano seguinte, por convite de Mário Silva, na Faculdade de Ciências de Coimbra como assistente de Física. Em Junho de 1945, doutorou-se com a apresentação da tese “Da influência das forças de Spin nas reacções entre partículas nucleares”, a primeira tese em Física Teórica a ser apresentada em universidades portuguesas, orientada por Guido Beck durante o ano e meio da sua presença em Portugal.

ficam que, perante um autor completamente ignorado por Egídio Namorado e importante no panorama da crítica ao Neopositivismo, Rodrigues Martins lhe aconselhasse vivamente a sua leitura.

Dois anos após este texto de crítica é publicado, também na mesma revista e ao longo de vários números, um ensaio de Rodrigues Martins (Martins, 1946 e 1947) cujo pretexto foi um livro de Carl Friedrich von Weitzsäcker (1912-2007) (Weitzsacker, 1945). Este autor, além de ser, na altura, um cientista conhecido ligado ao estudo da teoria do núcleo atômico e das forças nucleares, foi também um dos cientistas mais influentes da Alemanha Nazi<sup>32</sup>, o que levou Rodrigues Martins a escrever:

Afigurou-se-nos, pois, natural que esta duplicidade irreduzível de situações se haveria de repercutir necessariamente no pensamento do autor, tanto mais que todos os ensaios que constituem este livro se destinaram a conferências públicas, algumas delas realizadas em Portugal sob o patrocínio do Instituto de Cultura Alemã; mas, apesar disso, não podemos deixar de lamentar que o cientista qualificado que se revela em tantas páginas deste livro se deixe sacrificar quantas vezes pelo “mitologista” político, a ponto de colocar no mesmo plano do conhecimento, a experiência interna, as “vivências”, as “meditações”, etc., e a experiência científica (Martins, 1946, 206)<sup>33</sup>.

Independentemente dos posicionamentos ideológicos, à partida claramente identificados, do crítico e do criticado, não é neste plano que se vão discutir as ideias. Para Rodrigues Martins o permanente desenvolvimento da Ciência, essa era a indicação da sua história, com as suas consequentes respostas diante da realidade em constante mudança, tornam-na «[...] cada vez mais como o único instrumento fecundo de transformação da natureza e do homem, quando ao serviço da Humanidade»; era a defesa de uma concepção de confiança nas possibilidades ilimitadas do método científico ou, o que se pode apelidar, da visão de uma concepção física do Universo. Para o criticado, Weitzsäcker, a questão situava-se nos antípodas e colocava-se sob a forma de interrogações plenas de dúvida ou que se podem apelidar de pessi-

---

<sup>32</sup> Este físico, filho de um importante diplomata e alto funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão, em Setembro de 1941 acompanhou, numa viagem à capital da Dinamarca ocupada, Werner Heisenberg, exactamente quando este teve o célebre encontro com Niels Bohr ainda hoje envolto em forte controvérsia.

<sup>33</sup> A Embaixada Alemã funda em finais de 1943 o Instituto de Cultura Alemã que fez deslocar ao nosso país para fazer conferências nas três Faculdades de Ciências – Coimbra, Lisboa e Porto – o conhecido físico Karl Friedrich Weitzsäcker que dissertou, não sobre Física Nuclear, matéria de que era um especialista de renome, mas sobre Física Atômica e Filosofia. O texto destas conferências foi publicado na *Revista do Instituto de Cultura Alemã* da qual, supõe-se, só saiu um número em 1944.

mistas: «Que dizer, porém de a Ciência cumprir a sua missão em face da vida, se ela deixou de se saber orientar, inclusivamente no seu próprio domínio?» (Weitzsacker, 1945, 2). Esta seria a outra face ou a concepção metafísica do Universo.

No seu livro Weitzsacker subjectivava algumas das principais conclusões da Física moderna e Rodrigues Martins sujeita estas posições a uma importante contra argumentação, concluindo no final do seu ensaio:

[...] é do conflito entre o que há de esquemático, de estabilizado, numa construção intelectual, e o conteúdo essencialmente dinâmico que ela tem de atingir, é do conflito entre a simplicidade necessária do mundo representativo da Ciência e a complexidade essencial do mundo real, que resulta, ao que julgamos, todo o dinamismo, todo o progresso do pensamento científico: os quadros formais da Ciência vão-se alargando, revolucionando, à medida que o conteúdo apreendido pela experiência científica – experiência intelectual e técnica experimental – se vai enriquecendo (Martins, 1947, 133).

Assumindo o combate contra as tentativas de enviesamento da Física moderna na direcção de posições espirituais ou místicas situadas bem para lá do mundo físico, pois a Física Quântica e a Teoria da Relatividade constituem um «[...] autêntico reencontro do pensamento científico com o verdadeiro espírito do Racionalismo experimental que enformava a Física clássica» (Martins, 1947, 134).

## 5. Mais uma revista, a *Vértice* (à laia de conclusão)

Como se constata pelo veículo de edição dos trabalhos de Rodrigues Martins, aparecera uma nova revista cultural no país. A *Vértice*, filha de um movimento de ideias que já animara de uma forma bastante viva as colunas de jornais como *Sol Nascente* e *O Diabo*, entretanto forçadas a desaparecer, nasceu em Coimbra em 1942, assumindo-se como “Revista de Cultura e Arte”. Esta publicação surgiu como fruto natural da importância com que emergia no meio artístico-literário português, nos finais da década de trinta e na década de quarenta, o Neo-Realismo (Dias, 2011) (Ramond, 2008), afirmando-se no panorama editorial nacional como um órgão de cultura e acção, «[...] pautado por um desejo evidente de renovação do meio académico português tradicionalmente conservador». E uma das formas importantes dessa renovação foi a assunção do conhecimento científico-técnico e filosófico como partes integrantes da cultura. Embora o fenómeno artístico-literário seja predominantemente tratado e debatido, pode ler-se no editorial de Maio de 1946, intitulado “Cultura portuguesa”, um parágrafo dedicado à investigação científica em Portugal.

No campo da investigação científica, o panorama não é o melhor: à parte quatro ou cinco investigadores de boa categoria, nada mais temos a registar [...] sem bons laboratórios e sem uma indústria que suscite e estimule a resolução de problemas, não pode haver verdadeiro trabalho científico que interesse equipas de investigadores e não apenas trabalhadores isolados que, cedo ou tarde, acabarão por estiar ou cairão num enciclopedismo superficial e infecundo (*Vértice*, Mai. 1946, 84).

Eis uma bandeira que a *Vértice* procurará manter hasteada ao longo da sua vida de várias dezenas de anos; uma secção «Ciência e Técnica» vai dando «[...] notícias da actualidade de alguns dos aspectos mais inovadores e de outros, mais problemáticos, da criação científica contemporânea» (Fitas et al., 2008, 123).

No mesmo número da *Vértice* em que Rodrigues Martins apreciava o ensaio de Egídio Namorado, o próprio autor do ensaio dissertou ao longo de seis páginas “Sobre as possibilidades da investigação científica em Portugal” (Namorado, 1945b). Defendeu medidas várias, algumas delas relativamente coincidentes com a prática da extinta JEN, sobretudo no que diz respeito às bolsas no estrangeiro, «[...] de modo a não nos resignarmos com a situação de lanterna vermelha na investigação científica». Foi ainda neste número de Novembro de 1945 que apareceu uma nota crítica que desencadeou

[...] uma das polémicas mais interessantes, em Portugal, no domínio da História e Filosofia da Ciência e que oporá dois espíritos dos mais lúcidos da intelectualidade portuguesa, António Sérgio e Bento de Jesus Caraça, num pleito em que se confrontam diferentes concepções sobre o conceito de número e a natureza da Ciência (Fitas et al., 2008, 124).

Polémica que se prolongou por vários números da revista<sup>34</sup> e já foi objecto de estudo por parte de vários autores e aqui, fugindo ao pormenor da discussão, talvez valha a pena concluir, de uma forma assaz simplista, que foi o «[...] confronto entre Materialismo e Idealismo, onde está patente a mesma ambição, dominando ambos os contendores, em implantar um ideário fundamental que contribua para a formação de um homem cultural e civicamente libertado» (Fitas et al., 2008, 128); e terminou sem vencedor ou vencido.

Exceptuando os artigos de Egídio Namorado e Rodrigues Martins, uma outra colaboração se destaca no domínio da História da Ciência em Portugal,

---

<sup>34</sup> António Sérgio: *Vértice* 17/21, Vol. I (Coimbra, Nov. 1945) p. 42-48; *Vértice* 27/30, Vol. II (Coimbra, Mar. 1946) p. 42-61; *Vértice* 36/39, Vol. II (Coimbra, Jun. 1946) p. 214-232. Bento de Jesus Caraça: *Vértice* 22/26, Vol. I (Coimbra, Fev. 1946) p. 35-44; *Vértice* 30/35, Vol. II (Coimbra, Mai. 1946) p. 126-140.

a de Luís Albuquerque que deu à estampa diversos artigos tendo como objecto de estudo o século XVIII português, onde foram apontados temas como José Anastácio da Cunha ou “A Reforma pombalina do ensino superior”<sup>35</sup>... mas isto já são contas de outro rosário, capítulos de outra história ou linhas de outros artigos.

## 6. Bibliografia citada

- Andrade, Luís Crespo de, *Sol Nascente – Da Cultura Republicana e Anarquista Ao Neo-Realismo*, Porto, Campo das Letras – Editores S.A., 2007.
- Andrade, Luís Crespo de, *Intelectuais, Utopia e Comunismo. A Inscrição Do Marxismo Na Cultura Portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- Andrade, Maria Ivone de O., “Entrevista a Vasco Magalhães-Vilhena”, *Filosofia. História. Conhecimento. Homenagem a Vasco de Magalhães-Vilhena*, (Coordenação Eduardo Chitas, Hernâni A. Resende), Lisboa, Editorial Caminho, 1990, p. 327-340.
- Cartwright, Nancy; Cat, Jordi; Fleck, Lola; Uebel, Thomas E., *Otto Neurath. Philosophy Between Science and Politics*, Cambridge, Cambridge University Press (versão digital), 2008.
- Carvalho, Rómulo de, *História Do Ensino Em Portugal Desde a Fundação Da Nacionalidade Até Ao Fim Do Regime de Salazar-Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- Chitas, Eduardo, “Vasco de Magalhães-Vilhena”, *História Do Pensamento Filosófico Português*, (Direcção Pedro Calafate), Lisboa, Editorial Caminho, 2000, 1.ª edição, Vol. 5, Tomo II, p. 221-265.
- Colman, E., *The Present Crisis In the Mathematical Sciences and General Outlines For Their Reconstruction*, 1931 (<http://www.marxists.org/subject/science/essays/colman3.htm>).
- Cunha, Norberto, *Génese e Evolução Do Ideário De Abel Salazar*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- Dias, Luís Augusto Costa, *O “Vértice” De Uma Renovação Cultural/ Imprensa Periódica Na Formação Do Neo-Realismo (1930-1945)*, Dissertação de Doutoramento, Coimbra, 2011.
- Fitas, Augusto J.; Videira, António A. P. (Organização, introdução e notas), *Cartas Entre Guido Beck e Cientistas Portugueses*, Lisboa, Instituto Piaget, 2004.
- Fitas, Augusto J.; Rodrigues, Marcial. E.; Nunes, M. Fátima, *Filosofia e História Da Ciência Em Portugal No Século XX*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008.
- Fitas, Augusto, “A recepção das ideias do ‘Círculo de Viena’ em Portugal: duas tentativas de teses de doutoramento sobre o Empirismo Lógico”, *Évora Studies*

---

<sup>35</sup> *Vértice* 46, Vol. IV (Coimbra, Mai. 1947) p. 52-58 ; *Vértice* 52, Vol. IV (Coimbra, Nov.-Dez. 1947) p. 499-504 ; *Vértice* 53, Vol. V (Coimbra, Jan. 1948) p. 46-52; *Vértice* 54, Vol. V (Coimbra, Fev. 1948) p. 132-138.



- In the Philosophy and History of Science – In Memoriam Hermínio Martins*, (João Príncipe, editor), Lisboa, Caleidoscópio, 2015, 1.<sup>a</sup> edição, p. 513-555.
- Gomes, Ruy Luís, *Teoria Da Relatividade Restrita*, Lisboa, Publicações do Núcleo de Matemática, Física e Química, 1938.
- Magalhães-Vilhena, Vasco de, *Unidade Da Ciência. Introdução a Um Problema*, Coimbra, 1941.
- Martins, J. L. Rodrigues, “A Escola de Viena e alguns problemas do conhecimento, ensaio de Egídio Namorado”, *Vértice* 17/21, Vol. I (Coimbra, Nov. 1945) p. 55-58.
- Martins, J. L. Rodrigues, “‘Para uma concepção física do universo’ ou ‘Para uma concepção metafísica do universo’?”, *Vértice* 43, Vol. III (Coimbra, Jan. 1947) p. 205-214.
- Martins, J. L. Rodrigues, “‘Para uma concepção Física do universo’ ou ‘Para uma concepção metafísica do universo’?”, *Vértice* 44, Vol. III (Coimbra, Fev.-Mar. 1947) p. 281-287.
- Martins, J. L. Rodrigues, “‘Para uma concepção Física do universo’ ou ‘Para uma concepção metafísica do universo’?”, *Vértice* 45, Vol. III (Coimbra, Abr. 1947) p. 354-357.
- Martins, J. L. Rodrigues, “‘Para uma concepção Física do universo’ ou ‘Para uma concepção metafísica do universo’?”, *Vértice* 47, Vol. IV (Coimbra, Jun. 1947) p. 129-134.
- Martins, J. L. Rodrigues, “‘Para uma concepção Física do universo’ ou ‘Para uma concepção metafísica do universo’?”, *Vértice* 48, Vol. IV (Coimbra, Jul. 1947) p. 229-233.
- McGILL, V. J., “An Evaluation of Logical Positivism”, *Science & Society* 1, Vol. 1 (New York / London, 1936) p. 45-80.
- McGILL, V. J., “Logical Postivism and The Unity of Science”, *Science & Society* 4, Vol. 1 (New York / London, 1937) p. 550-561.
- Melo, António, “Magalhães-Vilhena, esboço de um retrato”, *Filosofia. História. Conhecimento. Homenagem a Vasco de Magalhães-Vilhena*. (Coordenação Eduardo Chitas, Hernâni A. Resende), Lisboa, Editorial Caminho, 1990, p. 301-317.
- Namorado, Egídio, *A Escola De Viena e Alguns Problemas Do Conhecimento*, Coimbra, Atlântida Editora, 1945a.
- Namorado, Egídio, “Sobre as possibilidades da investigação científica em Portugal”, *Vértice* 17/21, Vol. I (Coimbra, Nov. 1945b) p. 49-54.
- Namorado, Egídio, *Pontos De Vista*, Coimbra, Textos Vértice, 1958.
- Parry, W.T., “V. Jerauld McGill (1897-1977)”, *Philosophy and Phenomenological Research* 2, Vol. 38 (New York, 1977) p. 283-286.
- Pita, António Pedro, *Conflito e Unidade No Neo-Realismo Português. Arqueologia de Uma Problemática*, Porto, Campo das Letras-Editores S.A., 2002.
- Ramond, Viviane, *A Revista Vértice e o Neo-Realismo Português*, Coimbra, Angelus Novus Editora, 2008.
- Reisch, George A., *How the Cold War Transformed Philosophy of Science*, Cambridge, Cambridge University Press, 2005.
- Salazar, Abel, *A Socialização Da Ciência*, Lisboa, Editorial Liberdade, 1933.
- Silva, Mário, *Elogio Da Ciência*, Coimbra, Coimbra Editora, 1971.

- Stadler, Friedrich, *The Vienna Circle/Studies In the Origins, Development and Influence of Logical Empirism*, Wien, Springer, 2001.
- Trindade, Luís, *O Espírito Do Diabo / Discursos e Posições Intelectuais No Semanário O Diabo 1934-1940*, Porto, Campo das Letras – Editores S.A., 2004.
- Vilaça, Alberto, *Para a História Remota Do PCP Em Coimbra 1921-1946*, Lisboa, Edições Avante, 1997.
- Weitzsacker, Karl Friedrich, *Para Uma Conceção Física Do Universo*, Coimbra, Livraria Atlântida, 1945.
- Werkmeister, William H., *Sete Teses Do Positivismo Lógico Examinadas Criticamente*, Lisboa, Seara Nova, 1939.